

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO – LICENCIATURA



Trabalho de Conclusão de Curso

**UM OLHAR SOBRE EMANCIPAÇÃO
ATRAVÉS DA PRÁTICA TEATRAL NA ESCOLA**

Gabrielle Winck Moraes

Pelotas, 2015

Gabrielle Winck Moraes

**UM OLHAR SOBRE EMANCIPAÇÃO
ATRAVÉS DA PRÁTICA TEATRAL NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Teatro – Licenciatura, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Fabiane Tejada da Silveira

Pelotas, 2015

Gabrielle Winck Moraes

UM OLHAR SOBRE EMANCIPAÇÃO
ATRAVÉS DA PRÁTICA TEATRAL NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 25 de junho às 17h.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Fabiane Tejada da Silveira (orientadora)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Ms. Mateus Gonçalves
Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Ms. Maria Amélia Gimmler Netto
Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

In memória a minha amada mãe Maria Amélia Winck

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz por ter me acolhido para eu poder realizar minha prática de estágio II bem como o objeto prático desta pesquisa. A professora titular da turma que apesar da correria que é o ano letivo me recebeu com boa vontade.

Agradecer meu pai José Fernando por me apoiar e acreditar em mim e em minhas ideias. A minha irmã Fernanda, por ter compartilhado comigo meus momentos mais tristes até os mais felizes, sempre perto de mim. As minhas amigas denominadas “As de sempre para sempre”, pois nossa amizade não é de hoje e tenho certeza que irá durar para sempre devido à cumplicidade e ao amor existente.

A minha família por sempre ter me acolhido quando mais precisei e me dado amor incondicional. Ao meu amigo e amor Eugênio pelo companheirismo de todas as horas.

A minha mãe Maria Amélia que não está mais ao meu lado de corpo presente, mas faz parte de cada pedacinho que existe em mim, pois me orientou a ser quem hoje sou. Sempre estarás comigo pois como disse “sou o ar que você respira, sou a primeira estrela que aparece no céu e o ultimo raio de sol.

Tem razão o Juarez, quando diz que não há tarefa impossível,
quando ao desejo do coração se soma a verdade da intenção

José Pacheco

Resumo

MORAES, Gabrielle Winck. Um olhar sobre emancipação através da prática teatral na escola. 2015. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

O presente estudo tem como principal objetivo responder a questão: seria possível desenvolver processos de emancipação através do ensino de teatro dentro da instituição escolar? Para este fim, foram realizadas aulas de teatro pela disciplina de estágio II do currículo do curso de Teatro – Licenciatura, na turma do 2º ano B da Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz, que fica localizada na cidade de Pelotas - RS. A metodologia utilizada nessas atividades teve como referência a pesquisa-ação, considerando que as aulas foram ministradas procurando promover mudanças a partir de práticas. Nessa pesquisa buscou-se reconhecer e identificar práticas teatrais e educacionais que podem levar o aluno a conquistar sua emancipação/autonomia. Para dar suporte teórico a esse trabalho, reportou-se ao estudo de autores como Paulo Freire, Theodor W. Adorno e Augusto Boal. Os três autores acreditam e entendem que o sujeito precisa sair do seu estado de opressão e se tornar emancipado, livre para ter autonomia em seus próprios pensamentos e vontades. Destaca-se a ideia de Boal que aposta na arte teatral para promover, assim como essa pesquisa, possíveis processos para a autonomia. Nesse trabalho serão apresentadas situações em que se acredita ter identificado tais processos referidos.

Palavras-chave: Emancipação; teatro na escola; educação para autonomia.

Lista de Abreviaturas e Siglas

PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
PPP	Projeto Político Pedagógico

Sumário

1- INTRODUÇÃO	10
2- OS PRIMEIROS PASSOS: IDENTIFICANDO A PESQUISADORA DANDO INTRODUÇÃO A PESQUISA.	
11	
2.1- Origem do estudo	11
2.2- Justificativa.....	15
2.3- Questão de pesquisa.....	16
2.4- Objetivo.....	18
REFERENCIAS TEÓRICOS.....	19
3.1- Metodologia da pesquisa	19
3.2- Encontro com os autores	21
3- IDENTIFICANDO E CONSTRUINDO: A ARTE TEATRAL NA ESCOLA.....	25
4.1- O encontro com a estrutura escolar	25
4.2- Construindo o ensino de teatro na escola	28
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE	44
ANEXOS	64

1- INTRODUÇÃO

O presente texto desenvolve a pesquisa realizada através da temática “processos emancipatórios através da arte teatral” tendo como objeto prático a realização de aulas de teatro ministradas pela pesquisadora na turma do segundo ano B da Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz na cidade de Pelotas no ano de 2014.

Para melhor compreensão desta pesquisa fez-se necessário dividir o desenvolvimento do estudo. No primeiro capítulo se observa um pouco da história de vida da pesquisadora e os motivos que levaram a realização do presente trabalho bem como o caminho traçado durante seu período acadêmico e a apresentação de suas inquietações a cerca do assunto emancipação. Revelando assim a problemática a ser investigada a partir de um panorama do contexto em que a pesquisa realizou-se.

Em um segundo momento apresenta-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, como também os autores acolhidos para embasar e solidificar o presente estudo. Augusto Boal, Paulo Freire e Theodor W. Adorno aparecem como pilares para a reflexão da autora.

Por fim apresenta-se o ambiente onde foi realizada a parte prática desta investigação, assim como a descrição das atividades desenvolvidas com a turma. A relevância deste trabalho aparece na reflexão sobre as aulas, onde a autora propõe suas considerações finais a cerca deste trabalho.

2- OS PRIMEIROS PASSOS: IDENTIFICANDO A PESQUISADORA DANDO INTRODUÇÃO A PESQUISA.

2.1- Origem do estudo

Esta pesquisa, desenvolvida como requisito parcial para a conclusão do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas apresenta minhas inquietações a respeito do conceito de emancipação humana. Theodor W. Adorno baseia-se no ensaio “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?” de Kant para fazer entender o que é o seu conceito de emancipação. A menoridade de Kant é a incapacidade de o sujeito usar seu entendimento sem receber orientação de outro. Adorno vai dizer que emancipação é a saída deste estado de menoridade, ou seja, o sujeito que usa de seu entendimento para agir independentemente, que possui autonomia no pensar e agir (ADORNO, 2003, p. 169).

Quando comecei meus primeiros questionamentos não sabia que encontraria pensadores que já discutiam isso há tanto tempo. Debruçada sobre as leituras me surpreendi com a questão de que tudo que eu teria para falar já havia sido dito. Fiquei entusiasmada com o que li, pois isso era sinal de que eu havia encontrado parceiros que compartilhavam pensamentos muito semelhantes ao meu objeto de estudo em questão. As leituras cada vez mais me deixavam inquietada pela importância do assunto *emancipação*. Através dos estágios e projetos que realizei nas escolas percebi que a cada dia que passa o conceito de emancipação é mais ignorado dentro do ambiente escolar.

Minha experiência em docência através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e das disciplinas de Estágio I e II do curso de Teatro-Licenciatura da UFPEL realizados dentro de escolas de ensino fundamental e médio fizeram com que eu rememorasse o tempo em que eu era aluna de uma escola pública municipal.

Passando alguns momentos dentro da escola, passei a refletir sobre as impressões que eu guardava daquele ambiente. No jardim de infância que frequentei

em Santa Catarina, uma escola particular onde eu realizava provas do método Positivo, aprendi desde a dividir a pasta de dente com o colega até fechar a torneira ao escovar os dentes e lavar as mãos para fazer as refeições. Lembro-me destes momentos com riqueza de detalhes; eram momentos de aprendizados básicos, porém muito importantes na formação de uma criança que estava desenvolvendo seu caráter. Tudo acontecia de forma tão prazerosa que o registro que eu tenho deste período é de ser livre e de não sofrer qualquer tipo de opressão.

Minha situação escolar vindo para a cidade de Pelotas não é uma lembrança tão boa. Frequentei o ensino primário do 1º ano até o 5º ano em uma escola pública no centro da cidade de Pelotas localizada próximo a um bairro pobre, as lembranças que tenho são recordações do modo como agi para poder frequentar aquele lugar com mais prazer.

De forma espontânea me tornei ajudante da bibliotecária. Além de trabalhar na biblioteca, ela também era professora de matemática e isso acabou ajudando a melhorar o meu desempenho na matéria. O motivo pelo qual me envolvi neste afazer não deve ser uma grande surpresa.

No recreio além dos meninos que implicavam comigo, também havia meninas que queriam me bater, talvez se devesse ao fato de eu frequentar a escola um pouco melhor arrumada do que elas e ser quieta. Também poderia ser por ter algum menino que gostasse de mim e que elas gostassem. Não acredito que possa haver outros motivos, já que nunca fui de subjugar, provocar ou ser cruel com os meus colegas.

A partir desta situação eu passei todos os períodos do recreio no corredor onde a professora estava organizando o espaço para abrir uma biblioteca, eu ficava conversando com ela. Ofereci ajuda e depois disso comecei a colar nos livros os registros para a futura locação. Desde aquele momento eu passei a ser atuante na escola, pois a partir desse acontecimento eu tinha o posto de ajudante da professora da biblioteca. Passei a frequentar aquele ambiente na parte da tarde e em todos os momentos que precisassem de mim. Sentia-me muito útil ajudando a escola e também valorizada por ter alguma função dentro do ambiente escolar. Essas são todas as lembranças que tenho dos momentos nos quais tive autonomia

O ensino médio foi um pouco diferente. Da mesma forma que o ensino fundamental, não tenho muitas lembranças das aulas, mas lembro de alguns bons professores e comprehendo o porquê lembro disso. Nesta nova escola iniciei meus estudos no 6º ano e 7º ano passei a fazer parte do grupo de dança da escola, o que com o tempo foi me gerando uma sensação de pertencimento daquele lugar, fez com que eu me sentisse atuante dentro desse “novo ambiente escolar”. Eu não me sentia “só mais uma aluna” como antes tinha a impressão de ser. Com esta atividade passei a me expressar mais, a ser mais comunicativa, a ter opinião, a ter noção de estética e a fazer parte de um organismo onde cada um tem uma função e que o todo não existe se as partes não realizarem suas obrigações. Aprendi na dança o significado da arte, o quanto uma obra artística pode ser grandiosa e o quanto é enriquecedor fazer parte de um organismo.

Hoje eu percebo um fator externo na minha infância que me oprimiu de forma significativa. Após a minha mudança para a cidade de Pelotas, com seis anos de idade, fui me desenvolvendo como uma menina tímida, “sem voz”, pelo fato de não perceber que determinadas ações da minha avó paterna acabaram por fazer com que eu me sentisse oprimida. De alguma forma ou de outra, ela deixava clara a sua preferência pela minha prima que esteve fisicamente perto dela desde o seu nascimento. Outro fator que de certa forma também produziu um sentimento de opressão - mas este não tão violento - foi passar por uma situação financeira instável em minha família.

A reação a estes fatores de opressão mencionados significou um processo de anulação muito intenso da minha personalidade. Passei a ser uma criança totalmente “sem voz”. A liberdade que me era dada em certos momentos eu não conseguia aproveitar, a palavra que eu mais costumava dizer era “tanto faz”. Acredito que tenha sido na escola, mais especificamente em minha função como ajudante da bibliotecária, que possibilitou em mim processos de emancipação.

Ter participado do grupo de dança da escola onde cursei o ensino médio foi um grande passo para eu encontrar o caminho da autonomia/emancipação. Na época eu não tinha consciência de que aquela atividade estava me propondo tantas mudanças em meu comportamento. Hoje refletindo sobre o poder transformador da arte, consigo observar cada mudança que ocorreu em mim e analiso que não fui a

única a passar por esse processo. As amizades que eu considero valiosas até hoje são compostas por meninas que eu conheci nas aulas de dança. Tenho muito orgulho destas amigas pelo fato de elas estarem levando suas vidas de forma honrada e ética. Posso sugerir que parte deste modo de vida delas foi impulsionado pelo nosso envolvimento com a arte.

Minha escola era pública e oferecia um espaço para a arte. A meu ver, isso fazia toda diferença na formação de nós, alunos, como seres humanos éticos, conscientes e autônomos. Vale lembrar que esta escola onde cursei o ensino médio era considerada, nesse período, uma das melhores escolas públicas da cidade. Tanto no quesito espaço físico, pois disponibilizava uma ampla área de lazer para os alunos frequentarem no intervalo, uma quadra de esportes grande - mesmo que precária - um auditório grande com palco para apresentações de teatro e dança, como também um corpo docente considerado bom.

Esta não é a realidade de todas as escolas da minha cidade. Na escola onde realizei o Estágio II, o espaço é pequeno. No intervalo, os alunos ficam nos corredores ou então em um pátio que mede aproximadamente 6x5m. As aulas de educação física são realizadas em outro prédio que a escola aluga em horários específicos. No período em que eu estive ministrando as aulas de teatro na escola, os alunos estavam sem o espaço alugado há algum tempo e o professor de educação física passou a dar aulas nos finais de semana em uma praça localizada próxima a escola, sem ter um ambiente adequado para realizar as atividades.

Não fiz parte do cotidiano dessa escola, mas enquanto desenvolvi atividades lá, pude observar uma engrenagem um tanto enferrujada, com uma série de constrangimentos e descontentamentos tanto por parte do corpo docente como por parte dos discentes.

Até então, antes de começar a frequentar a escola através do Programa PIBID, nunca havia refletido sobre minha trajetória na educação escolar. Voltando a este ambiente e percebendo suas precariedades, pude notar que poucas coisas mudaram. A partir desse momento senti uma enorme inquietação ao observar a realidade negativa que ainda compõe a estrutura da instituição escolar. Hoje, no

papel de professora de teatro, passo a ter uma “sede de mudança” e a indagar o porquê de a situação da educação ainda não ter mudado.

Na maioria das escolas crianças e adolescentes ainda vivem uma educação vertical, na qual se ensina a obediência cega e não a emancipação. Essa educação não desenvolve indivíduos questionadores e sim passivos, confusos e descontentes. Não há nesse local uma educação participativa, onde o sujeito se torna atuante dentro dessa micro civilização que é a instituição escolar.

Cabem a mim as seguintes perguntas: qual a importância da arte teatral no contexto escolar? O quanto o teatro dentro da escola pode mudar as relações interpessoais? Esta arte é capaz de proporcionar ao aluno o processo de emancipação tão desejado? São essas as questões que abordarei e discutirei nesse estudo.

2.2- Justificativa

O meu retorno ao ambiente escolar através dos estágios I e II, como também do programa PIBID foram atividades que me geraram muitas inquietações durante o período de formação acadêmica. Neste momento, minha perspectiva não era mais a de aluna, mas sim de professora em formação. Para mim, o significado dessa palavra passou a ser forte sinônimo de transformação e de responsabilidades.

Quando chegou o momento de voltar à escola como professora, uma das tarefas era elaborar um plano de ensino. Meu objetivo era de realizar oficinas de teatro nas quais eu pudesse trabalhar determinados conteúdos que levassem o aluno a compreender questões estéticas e também práticas sobre a produção artística. Foi a partir disso que percebi dentro da escola a dimensão do problema a ser enfrentado, me deparei com crianças e adolescentes totalmente insatisfeitos com as suas aulas e como Ruben Alves comenta “é fácil fazer com que a criança ou o adolescente vá à escola, difícil é o fazer aprender algo que ele não tem interesse em aprender [...]” (2004, pag.12). Concordo tanto com Ruben Alves nesta frase que me emociona quando vejo professores tentando se virar em mil para fazer com que

este tipo de ensino aconteça. Acredito que a busca é extinguir a existência de situações como professores fingindo que ensinam e alunos fingindo que aprendem.

Ensinar teatro para uma produção artística neste contexto apresentado acima seria ignorar a realidade do ser e acreditar que tudo está como deve estar. Não consigo concordar com essa prática, pois acredito que coisas boas acontecem quando todos estão realmente pensando por si próprios e não sendo manipulados. Não acredito que seja eficaz ensinar algo que o indivíduo não quer aprender e, de fato, esse ensino não acontece quando é realizado dessa maneira. Logo percebi que o que eu teria para ensinar não era uma técnica e sim um modo que buscasse proporcionar a emancipação e autonomia daqueles alunos que não tinham interesse em aprender o que eu teria para ensinar, afinal de contas não me conheciam e desconheciam a essência o teatro como eu acredito ser. Costumamos ignorar as coisas as quais não conhecemos, então passei a procurar um método que fosse adequado e estivesse dentro dos meus princípios do que seria realmente ensinar alguém.

São estas as questões que irei explanar neste trabalho, como acredito que a educação deva acontecer baseada em alguns importantes teóricos da educação e do teatro que acolho como parceiros, que compartilham de pensamentos semelhantes, como Augusto Boal, Paulo Freire e Theodor W. Adorno. Com eles irei dialogar e verificar diante de fatos e questionamentos se é possível estimular o processo de emancipação através da educação teatral, além de relatar experiências nas quais tentei trabalhar dessa forma. Educar para a autonomia não é uma tarefa simples, mas sem cidadãos emancipados não construímos um mundo coerente.

2.3- Questão de pesquisa

Minha questão de pesquisa nasce da pergunta: é possível desenvolver processos de emancipação através do ensino de teatro? Com isso busco analisar a experiência que tive dentro de uma escola de ensino médio, através da disciplina de estágio II do curso de Teatro Licenciatura. Esse estágio foi realizado de forma individual com a orientação do professor Mateus Gonçalves.

Neste trabalho, dou enfoque ao estágio II por avaliar que esta é uma das atividades dentro das quais mais me preparei e pude realizar de forma madura o desenvolvimento de alguns conceitos. Porém, sem esquecer as experiências que tive no programa PIBID, sendo relevante a este trabalho pelo fato de que foi através desse programa que tive meu primeiro contato com a escola e por ter sido nesse contato onde nasceram todas as minhas inquietações acerca da educação, da instituição escolar, do ensino de teatro dentro da escola como também da construção do sujeito frequentador deste ambiente.

Deste modo, inevitavelmente também irei problematizar essa instituição e usar como suporte as teorias dos autores Theodor Adorno e Paulo Freire para que se discuta sobre os problemas identificados na escola e por consequência explanar o que seria um ensino para a emancipação/autonomia.

No que se refere à autonomia Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2014), deixa um exemplo muito claro sobre o que é ter autonomia, muito próximo ao conceito de emancipação já mencionado anteriormente.

Paulo Freire vai dizer:

É decidindo que se aprende a decidir. Não posso aprender a ser eu mesmo se não decido nunca por que há sempre a sabedoria e a sensatez de meu pai e de minha mãe a decidir por mim [...] O que é preciso, fundamental mesmo, é que o filho assuma eticamente, responsavelmente, sua decisão fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas (2014, p. 105).

A educação é usada como uma ferramenta de manipulação e muitos já perceberam isso, não podemos negar. Tanto é verdade que o ensino público que está em vigor me parece controverso, não forma indivíduos para serem autônomos. A educação de hoje parece oprimir, de forma mais intensa, pessoas que muitas vezes são obrigadas a frequentar a escola sem mesmo entender qual é o real valor da educação, pois o que eles encontram dentro dessas instituições não são respostas verdadeiras, mas promessas que muitas vezes nem os professores sabem ao certo se poderão cumprir devido a ordens superiores, falta de estrutura e materiais.

Cabe a mim como estudante de uma universidade pública no curso de Teatro Licenciatura falar sobre a arte teatral e seu possível poder de desenvolver processos

emancipatórios, assim como o desenvolvimento da educação e suas problemáticas que pude observar em minhas atividades práticas.

2.4- Objetivo

A arte em si é transformadora, operar seus mecanismos, suas técnicas, sua singularidade é ainda mais significativo, porém a transformação não acontece se não há intenção de fazê-la. Ensinar arte requer estudo sobre educação, assim como uma preocupação prévia sobre o que irá ser desenvolvido com os estudantes. O discurso a ser proferido, a metodologia a ser aplicada, tudo isso deve fazer parte do processo de composição da aula do professor de arte.

Neste trabalho procuro identificar o que seria um processo de emancipação através da prática teatral, mostrar meu ponto de vista sobre a educação e em especial a educação através do teatro. A partir de experiências durante o curso da vida e no período acadêmico, argumentar o porquê de acreditar que uma educação para a emancipação é possível. Se por acaso eu estiver tratando de uma utopia, isso não será um problema. Como a utopia está para Fernando Birri no texto de Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (1994, p.310).

Meu objetivo é justamente esse, caminhar. Mantendo minha direção apontada para aquilo que acredito. Discutindo a importância da emancipação, não somente para os educandos, mas também aos educadores; a mim enquanto futura educadora, a nós sujeitos em formação e oprimidos em alguma circunstância.

Todos nós passamos por processos de educação durante a vida, sempre seremos aprendizes. A proposta que procuro através do teatro, bem como neste trabalho, é a de pensar processos nos quais o sujeito consiga sair da sua condição de “menoridade”, caminhando em direção da sua autonomia, da sua emancipação, passando a se enxergar no mundo como sujeito único, com direitos e deveres iguais a qualquer outro. Reconhecendo-se diante de si e da sociedade, cidadão digno.

REFERENCIAS TEÓRICOS

3.1- Metodologia da pesquisa

Este trabalho se desenvolve com base nas características de uma investigação qualitativa na qual me envolvo com o estudo mediante os princípios da pesquisa-ação. Nesta concepção metodológica é necessário estar inserido no campo de pesquisa, compreendendo que a ação altera o meio através da intervenção proposta.

Os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível ao local de estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48).

Nesse estudo sobre processos de emancipação gerados através da didática teatral investigo, em primeira instância, a ação que realizei na prática de estágio II, onde ministrei aulas de teatro para a turma do 2ºano B da Escola de ensino médio Monsenhor Queiroz, buscando identificar mudanças de comportamento individual nos alunos, como também no grupo como um todo.

O trabalho prático foi realizado nas quartas-feiras dentro de sala de aula das 07h40min até às 09h20min, que representavam dois períodos dentro da disciplina de seminário integrado¹. O total de encontros realizados com a turma foi de dez, alguns com mais de duas horas de duração.

Analizando não somente os exercícios teatrais propostos em aula, mas também situações que no decorrer da aula acabaram acontecendo, tente absorver todos os momentos em que estive dentro da escola para poder identificar e refletir sobre o modo como a minha prática aconteceu naquela instituição escolar.

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Muitos de nós funcionamos com base em “pressupostos”, insensíveis aos detalhes do meio que nos rodeia e às presunções que nos guiam. Não é raro passarem despercebidas coisas

¹ No seminário Integrado os alunos desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos. A nova modalidade também busca preparar os jovens para a sua futura inserção no mundo do trabalho ou para a continuidade dos estudos no nível superior. O Ensino Médio Politécnico começou a ser implantado em 2012 para o 1º ano, em 2013 no 2º ano e em 2014 chegará ao 3ºano (BRASIL, 2015).

como os gestos, as piadas, quem participa numa conversa, a decoração de uma sala, e aquelas palavras especiais que utilizamos e às quais os que nos rodeiam respondem (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49).

Essa prática gerou um diário de bordo onde anotei o processo das aulas e minhas impressões sobre todos os aspectos que foram mais significativos, o comportamento individual de cada aluno, comportamento dele diante da turma, o modo como eu me posicionei nas atividades e a relação entre mim e os alunos que foi estabelecida em sala de aula.

Foi feito o registro em vídeo da ultima atividade realizada pela turma. Nesse vídeo é apresentada a visão de três alunos da turma que filmaram todo o processo da atividade, este não será descrito assim como outros vídeos que realizei, mas servirão como instrumento para minha reflexão.

A teoria também se faz presente nesse trabalho, tendo em vista sua importância, como salienta Kurt Lewin apud José Pacheco (2012, p. 15) a “teoria sem prática é viajar no vazio, prática sem teoria é viajar no escuro”. Não sendo somente de prática que se realiza a pesquisa-ação, mas justamente desta acompanhada do arcabouço teórico que emergem as reflexões a serem apontadas.

Escolhendo os autores com quem dialogo, tive cuidado em trabalhar com aqueles que me dessem base para poder fazer minhas observações, Thiolent ao falar sobre os pesquisadores que optam pela pesquisa-ação, comenta:

Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas têm algo a ‘dizer’ e a ‘fazer’. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (1992, p. 16).

A pesquisa-ação foi a opção mais acertada de metodologia para essa pesquisa pelo seu caráter de investigação voltada para perceber a subjetividade de cada participante, assim como a minha auto-observação estando em atividade no ambiente onde aconteceram as propostas de atividades por mim elaboradas.

Devido à falta de tempo no semestre em que foi desenvolvido o estágio, não consegui obter entrevistas e concluí que realizar esse instrumento de coleta de dados após algum tempo da prática das atividades resultaria em uma decorrência equivocada. Compreendo que o relato dos alunos sobre a experiência em forma de

entrevista seria de grande valia para compor esse trabalho, mas ao final tentarei transcrever alguns dos relatos que surgiram em sala de aula.

3.2- Encontro com os autores

Augusto Boal foi um homem que viveu grande parte de sua vida fazendo teatro, pensando teatro e escrevendo teatro, nos proporcionou relatos de experiências valiosos, principalmente para quem se interessa por teatro comunitário, crítico, democrático. Um pensador engajado em questões políticas, sociais e também ao que vem a ser subjetivo no ser humano. Deixou um legado de publicações sobre as técnicas do método sistematizado por ele, *Teatro do Oprimido*, assim como inúmeras dramaturgias.

Boal pensa um teatro para atores e não atores. Ele diz que não somente aqueles que estão envolvidos com a arte teatral (artistas) são capazes de realizar montagens. O autor afirma que aqueles que nunca tiveram contato anterior com a arte também conseguem, a partir de uma metodologia, fazer teatro, passando assim a dizer que somos todos “espectadores”. Existe uma série de exercícios que Boal escreve em seu livro “Jogos para atores e não atores” (1998) que contemplam atores, diretores de teatro, como também, trabalhadores, donas de casa, feirantes, todos são convidados a realizar os jogos.

Esta é a essência do teatro: o ser humano que se auto-observa. O teatro é uma atividade que nada tem a ver com edifícios e outras parafernálias. Teatro ou teatralidade é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade (BOAL, 2009, p. 27).

A crença dele de que teatro é para todos se torna irrefutável quando ele afirma que todos nós possuímos a capacidade de nos perceber e perceber o outro. Deste modo, a “regra básica” para que arte teatral aconteça já é existente. Ele acredita que o teatro está no cotidiano das pessoas e essencialmente na criança que ainda não foi tolhida de sua maneira espontânea e criativa. O Teatro do Oprimido acontece para mobilizar o espectador a ser ator, ou seja, transformar aquele sujeito passivo em ser ativo, podendo ele ser agente de suas ações e transformação das mesmas ao passo que se observa realizando-as.

Boal era um sujeito artista, que acreditava na sua transformação como também na de outros sujeitos. Para a sua transformação, apostava nas atividades teatrais que realizava, bem como quando escrevia dramaturgias e conseguia expressar seus pensamentos. Boal acabou por perceber que o fazer teatral impulsionava a transformação e apostou no Teatro do Oprimido para mudar realidades. Com isso, transformou operários oprimidos, domésticas oprimidas, sem terra oprimidos, em sujeitos atuantes não só dentro do espaço teatral, mas também no cursar de suas vidas.

O movimento e a inspiração de Augusto Boal vêm também da prática do educador Paulo Freire, sujeito comprometido com a educação e transformador de realidades. Freire buscou uma pedagogia para a transformação de sujeitos oprimidos em seres autônomos propondo que eles construissem autonomia nas suas ações, através de um ensino horizontal no qual o educador não é mais o agente detentor de todo o saber. Construir o saber em conjunto com o educando é a forma como se estabelece o verdadeiro conhecimento, através do respeito e da troca mútua dos sujeitos. Desta forma, há uma construção do conhecimento onde, tanto o educador quanto o aluno, ensinam ao mesmo tempo em que aprendem (FREIRE, 1987).

Na educação, campo que Freire acabou por se estabelecer com excelência, ele propôs uma valiosa metodologia de aprendizagem que consiste na “educação como prática da liberdade”, sendo ela essencialmente política e conscientizadora. Apesar de se tratar de um método que tem como ação prática a alfabetização, a filosofia deste modo de aprendizagem é bastante abrangente, sustentando o embasamento para a reflexão sobre a autonomia na construção dos alfabetizandos.

A alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra (Fiori in FREIRE, 1987, p. 10).

Sua ação de alfabetizar não é montar um conjunto de letras que formam palavras, mas sim dar sentido às palavras através do interesse de cada sujeito, a fim de expressar seus pensamentos e de contextualizar sua história.

Freire diz que a construção do ser autônomo não se realiza independente e sim em conjunto com os outros sujeitos, bem como com o contexto ao qual faz

parte. A partir de seu próprio entendimento ou o reconhecimento da falta dele é que surgirão outras indagações. Reconhecer-se diante de si e do mundo torna o sujeito crítico de sua realidade, trazendo esclarecimento ao seu pensar e agir.

O questionamento é uma das ferramentas para a compreensão e esclarecimento. Se não houver questões a serem respondidas não teremos cidadãos donos da sua autonomia. É nessa procura que se constrói o entendimento, esclarecimento do ser humano.

Para Theodor W. Adorno a educação que deve emergir imediatamente é a educação contra a barbárie. Afim de não se repetir situações como a liderança nazista e, acrescento por minha parte, a ditadura militar no Brasil, Adorno vai pensar sobre a emancipação do ser humano, vendo ela como o único meio para que consigamos ter uma sociedade democrática.

A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. (ADORNO, 2003, p. 168).

Preocupado com a educação que vigorou tanto tempo na Alemanha no período em que viveu, mas não somente lá, ele questionava qual educação vinha sendo realizada nas instituições escolares. Questionando-se se é então papel da escola educar para a emancipação, já que a organização social é baseada no comportamento heterônomo, parecendo sempre precisar que alguém guie seu comportamento, sejam as mídias sociais, programas de televisão, rádios entre outros.

Adorno afirma que esse comportamento chega até as instituições, então comenta, “O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente — e quem é ‘a gente’, eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo” (2003, p. 181).

Pode-se dizer desta maneira que Adorno também estava pensando como este processo aconteceria diante de tantos obstáculos a serem ultrapassados e afirma:

A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência. (2003, p.182).

Acreditando ser possível acontecer processos de emancipação somente no momento o qual os sujeitos apostarem seus esforços na prática e com esta finalidade. Outra referência que uso para esclarecer meu pensamento neste trabalho, e que vai ao encontro com o assunto “prática de teatro para desenvolver processos emancipatórios”, é a dissertação de mestrado da professora doutora Fabiane Tejada da Silveira (UFPEL) que é intitulado “O jogo teatral na escola - uma reflexão sobre a construção de sujeitos históricos” (2008). Nesse estudo a professora contribui para o meu trabalho quando relata sua experiência de pesquisa, observando a prática com jogos teatrais com objetivo de problematizar o que pode levar os sujeitos a desenvolverem processos de emancipação.

3- IDENTIFICANDO E CONSTRUINDO: A ARTE TEATRAL NA ESCOLA

4.1- O encontro com a estrutura escolar

Percebo hoje a educação escolar retratada em uma estrutura falha com valores distorcidos. Parece-me que o ensino não tem a intenção de formar para a construção de conhecimentos, mas para a repetição de conceitos já pré-estabelecidos. Segundo Adorno (2003) a educação que tem natureza crítica é por consequência revolucionária, desta forma o aprendizado não deve ser superficial e essencialmente técnico pois não devemos visar somente uma reprodução eficiente.

Compreendo que a educação busca suporte nos parâmetros curriculares. Porém, por melhor elaborada em questões curriculares que possa ser, há falhas no cumprimento das leis, como em vários outros campos nos quais passam as normatizações, principalmente quando pensamos em patamares políticos e de interesse de classes dominantes.

José Pacheco comenta:

Se fizermos uma análise de conteúdo dos PPPs das nossas escolas, concluiremos que quase todos contêm termos como: autonomia, cidadania, solidariedade... Porém nunca vi algum PPP que contemplasse a beleza no seu texto como valor a ser desenvolvido na prática. O fato é surpreendente, porque ou a Educação é um ato estético ou não é Educação (2012, p. 12).

Apesar das classes dominantes já possuírem seus meios de dominação bem explicitados, para quem consegue ter discernimento, como os canais televisivos, bem como também emissoras de rádio entre outros. A educação sempre será o meio mais eficaz de dominação humana, para os quais o interesse é deixar ocultos sujeitos que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Sem “dó nem piedade” senhores das leis foram tomando decisões que nos encaminharam ao que hoje chamamos de escola. Sem compreender ao certo “quem está por trás disso tudo”, nos vemos obrigados a fazer parte de um sistema enfermo, por falta de opção ou por convicções de que com muito empenho e trabalho podemos mudar o que está ao nosso redor. Nunca saberemos apontar o culpado em

questão, já que vivemos como um organismo vivo no qual cada um de nós exerce uma função dentro da sociedade.

Procurar entender onde estamos deixando lacunas, já é um caminho para o esclarecimento, acredito que através desse trabalho seja possível expressar justamente a minha procura por luz, claridade para meus olhos de “pequenina docente”. Procuro não efetivamente um culpado para poder me aliviar, nem tão pouco criar a fórmula exata da educação ou a luz para os olhos de todos os cidadãos, mas talvez compreender minha maneira de tentar ser correta para propor um ensino coerente com consistência, resistência e esclarecimento.

Chegando à Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz pela primeira vez, quando eu ainda estava no quarto semestre do curso de teatro, ministrei uma oficina a pedido da professora Luana Gusmão, que entrou em contato com a professora Moira Stein, orientadora do projeto Teatro em Exercício² do qual eu era bolsista, e estava à procura de alguém que pudesse ministrar oficinas de teatro voltadas para a elaboração de esquetes teatrais. A partir desse momento pude perceber que eu me sentia a vontade no meio de alunos do ensino médio.

Nessa primeira experiência ministrando oficina para adolescentes, não me senti em momento algum acuada. Desde o início da oficina mantive minha presença como orientadora daquela atividade, não me deixei influenciar por qualquer olhar desdenhoso, nem a falta de vontade de participar de alguns. Pelo contrário, mostrava a todo o momento como era importante a participação de todos na atividade e que mesmo sem a participação ativa no exercício eles já estavam participando como espectadores.

Quando chegou o momento de realizar o estágio II do curso de teatro licenciatura no sétimo semestre, me lembrei dessa primeira experiência e logo me veio a ideia de repetir o experimento naquela mesma escola, justamente para poder dar continuidade a abordagem teatral naquele espaço educativo. Assim fui procurar a professora Luana para saber quais eram as possibilidades de realizar o estágio na escola Monsenhor Queiroz. Desde o início a professora se mostrou muito

² Teatro em Exercício propõe a prática constante de criação, composição e apresentação de trabalhos cênicos, por grupo de alunos do Curso de Licenciatura em Teatro da Ufpel. Disponível em: <http://teatroemexercicio.blogspot.com.br/p/sobre-o-projeto.html>. Acesso em: 10 jun.2015.

interessada e logo pudemos conversar para avaliar se eu poderia me encaixar em alguma turma.

No decorrer de nossas conversas percebemos que seria possível que eu realizasse as atividades na turma B do segundo ano, dentro dos períodos de seminário integrado que a Luana era responsável. Dessa maneira, fiz uma observação da turma para poder realizar o plano de ensino a ser desenvolvido.

Minha jornada como docente está apenas começando, mas fico pensando naqueles que já cansados, estão esmorecendo em seus cargos de professores dentro da escola. Espero e até acredito que há algo no coração daqueles que escolhem trilhar a carreira docente, não deixando que a jornada e as incoerências acabem totalmente com suas forças.

A escola onde realizei o estágio II me trouxe uma visão clara sobre as dificuldades a serem enfrentadas em uma escola pública, tanto no que diz respeito à estrutura física, como também em materiais e carga horária de professores. O espaço físico da mesma era extremamente precário, instalada em uma casa antiga do centro da cidade de Pelotas, possuía aproximadamente onze salas de aula, todas com classes e cadeiras, sem nenhuma sala para aulas práticas, com uma sala da direção, uma sala de professores, uma secretaria, refeitório, um pátio pequeno descoberto, banheiro feminino e masculino no primeiro andar e térreo, sala de computadores, biblioteca e uma sala de secretariado.

Nos dias de chuva os alunos usavam o corredor entre as salas como espaço para o intervalo. As aulas de educação física normalmente eram realizadas em um ginásio que a escola alugava para conseguir realizar essas aulas, porém no período em que eu realizei o estágio lá, as aulas de educação física aconteceram em uma praça pelo fato de o espaço destinado a isso estar sendo alugado.

As atividades teatrais aconteciam dentro de sala de aula, com uma média de vinte e oito classes dentro do espaço, que media aproximadamente 5x5m. A quantidade máxima de alunos que frequentaram minha aula foi de vinte e cinco alunos. O espaço não adequado para a realização da prática teatral, o tamanho era insuficiente, o chão era de parquê e tínhamos que mover as classes para o fundo da

sala. Não havia outro espaço para a realização de aulas práticas, ocasionando então a realização de minhas aulas naquele ambiente.

4.2- Construindo o ensino de teatro na escola

Quando iniciei no sétimo semestre do curso de teatro, o processo para poder realizar o estágio II na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz, me conscientizei de que era necessário decidir algumas maneiras para que isso acontecesse. Nunca tive medo ou anseio de entrar em uma sala de aula, mesmo assim o receio esteve presente. Receio esse pela possibilidade de errar, mesmo que, a princípio, nem soubesse com clareza o que seria o erro em si.

Minha experiência dentro da escola, anterior a este estágio, foi na educação infantil tanto pelo programa PIBID, como no estágio I. Nessas experiências a preocupação de errar também existia, mas era menor. Na educação infantil eu tinha a preocupação de apresentar a linguagem teatral de uma forma que fosse divertida e que a criança tivesse liberdade de expressar suas vontades. Começando a frequentar a escola, me deparei com crianças que muitas vezes não pareciam crianças pelo modo de se comportar, eram sérias e algumas não sabiam brincar. A partir desse momento comecei a observar melhor cada criança, suas peculiaridades, observar suas atitudes e até mesmo seus silêncios.

Passei a me preocupar mais com a formação que crianças e jovens vêm recebendo nas escolas depois do contato direto que tive com os alunos. Ao perceber que muitos deles não gostam de estar dentro de uma sala de aula, notei o quanto preocupante se torna o ensino que não dá importância à realidade social externa à escola. O aluno não se sente fazendo parte daquela instituição quando os seus problemas não são questionados naquele ambiente e quando não é convidado a fazer parte das decisões ali dentro tomadas.

A arte possui a característica de romper com padrões conservadores e encaixotados, modificando e edificando o perfil escolar ao passo que vai propondo novos pontos de vista, através do processo de esclarecimento, com seu mecanismo de relacionar sensível e racional. A arte trabalha com o subjetivo trazendo a

singularidade de cada sujeito, ao mesmo tempo em que o contextualiza em seu espaço e tempo.

As artes são remetidas para horários escusos, contraturnos e tempos livres. Se bem que possa haver arte no ensino da Matemática – que, *in illo tempore*, era disciplina próxima da música – a clássica aula dificilmente conseguirá que o ser sensível se revele. E, sem a vivência da beleza, somos impedidos de experienciar o amor e a liberdade, que, juntos, nos conduzem pelos caminhos da sabedoria (PACHECO, 2012, p. 12).

Objetivo nas próximas páginas uma tentativa de expor minha prática de estágio dentro de uma escola pública, onde encontrei alunos que preferiam não estar dentro de sala de aula e onde a falta de estrutura era completamente perceptível. Tentando realizar minha prática de forma coerente e ética, caminhei ao encontro daquilo que acredito.

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor ainda o que já sei. (FREIRE, 2014, p. 92)

Freire (2014) aponta que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, consciência do inacabamento, entre outras séries de exigências. Confio em Freire quando ele elenca todos esses saberes para a prática docente acontecer de forma reflexiva. É nessa teoria que me inspirei e que tento cada vez mais me apropriar com consciência, para realizar durante a minha prática.

Através de minhas experiências como futura docente, aliadas às leituras que realizei no ambiente acadêmico, reformulei meus conceitos sobre as práticas educacionais com base nas atividades que desenvolvi durante esse período. A partir desta reformulação comprehendi o que seria necessário à realização da prática docente no ensino médio.

O primeiro princípio a ser aprendido foi que eu e meus alunos somos iguais, nada nos difere a não ser a história de nossas vidas. A partir disso tiro a conclusão de que o meu trabalho em sala de aula é compartilhar experiências. Spolin vai comentar em seu livro “Improvização para o teatro” que “aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém” (2005, p.3).

Esse princípio serve de base para tudo que se desenvolve posteriormente, como o meu comportamento dentro de sala de aula. Entendo que para me relacionar

com determinado grupo, preciso falar a mesma língua que eles falam. Caso isso não aconteça, nossa comunicação fica vulnerável ao congestionamento. Eu preciso entender meus alunos e eles precisam me entender para que possamos dialogar.

A relação de respeito que se estabelece entre aluno e professor também está diretamente relacionada ao entendimento real do primeiro princípio: com a compreensão de que somos iguais, o aluno que por algum motivo tenha tendência ao desrespeito entenderá que não é necessário desrespeitar aquele que faz questão de respeitá-lo.

Respeitar o aluno significa não menosprezar a opinião dele sobre qualquer assunto, não inibir a vontade dele, ouvi-lo quando tem algo a dizer, e isso não significa não estabelecer regras. As regras existem para que consigamos trabalhar em grupo. Acredito que estes princípios que estabeleci para a minha prática acontecer são elementos básicos para uma educação que promova processos emancipatórios, devido ao seu caráter espontâneo.

Spolin comenta:

A espontaneidade cria explosão que por um momento nos liberta de quadros de referencia estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na verdade descoberta de outros. A espontaneidade é um momento de liberação pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela (2005, p.4).

O meu primeiro contato com a turma foi para realizar a observação, nesse dia notei que os alunos se organizavam em grupos segregados. Notei também que a organização da sala de aula era tradicional, sendo estruturada com uma classe atrás da outra e que havia conversas paralelas durante toda a explicação da professora titular. Com a sua fala pausada, a professora tentava chamar atenção sobre o tema “Pelotas” que teria que ser desenvolvido pelos alunos através de uma pesquisa sobre algum lugar, cultura e história da cidade de Pelotas.

Ficou acordado que meu trabalho com a turma seria realizado no período do seminário integrado, que acontecia nas quartas-feiras, das 07h40min até às 09h20min, que representavam dois períodos. A professora titular me sugeriu que eu trabalhasse com a turma assuntos relacionados à temática da pesquisa que seria desenvolvida durante a disciplina. Logo comecei a formular ideias sobre processos

nos quais eu poderia inserir a temática dentro da prática teatral de uma forma que deixasse a pesquisa mais interessante, ao mesmo tempo em que pudesse gerar autonomia para os alunos.

Após a observação da turma e já tendo coletado alguns dados sobre os grupos e a temática que eles iriam abordar em suas pesquisas, elaborei meu plano de ensino, ainda um pouco confusa sobre como poderia trabalhar estes assuntos que circundavam a história mais tradicional da cidade de Pelotas, como a Fenadoce, a Biblioteca Pública e as Charqueadas. Acabei por coletar material sobre esses assuntos para levar na primeira aula, ver como realmente os grupos estavam organizados e a partir desse primeiro contato com eles elaborar efetivamente as atividades.

Minha primeira aula foi elaborada para a carga horária de dois períodos, como tinha sido combinado previamente, mas aconteceu que quando cheguei na escola fui comunicada que a professora titular estava viajando e que então eu teria três períodos para realizar as atividades. Caso isso não fosse possível, os alunos seriam liberados mais cedo do que o horário normal. Optei então por usar os três períodos. Nessa aula além de ter reunido os materiais sobre as pesquisas, tinha programado algumas atividades de interação para a turma devido à minha primeira preocupação, que era deixar o grande grupo mais unido e mesclado sem a formação que consistia em pequenos agrupamentos segregados.

Para minha surpresa e até certo pesar, apenas quatro alunos compareceram à aula. Então concluí que meu plano de atividades de grupo teria que ser mudado. Nessa aula iniciei pedindo a ajuda deles para arrumar as classes no fundo da sala para que pudéssemos fazer uma roda de cadeiras no centro. Após a organização sentamos e comecei a me apresentar. Após minha apresentação, pedi que os alunos se apresentassem e respondessem a pergunta “o que você gosta de fazer na escola e o que gosta de fazer fora dela?”. Com um novelo de lã que passava na mão de cada aluno a se apresentar, fomos formando uma teia no qual todos, ao final das apresentações, estariam interligados.

Neste dia as respostas a essa pergunta se dividiram em três alunos que responderam que na escola não havia nada que gostassem de fazer. Fora da escola

os dois meninos gostavam de jogar futebol e a menina gostava de dormir. O outro menino oscilava dizendo que gostava da disciplina de matemática e física e fora da escola gostava de tocar acordeom com seu avô.

Consegui conhecer mais a fundo estes alunos, pois tivemos muito tempo para isso. Eles falaram sobre si mesmos e em determinado momento percebi que todos já estavam se sentindo confortáveis. Fui fazendo outros questionamentos, como por exemplo, onde eles moravam e qual era a realidade daquele lugar. Por fim, estávamos em uma grande conversa na qual falávamos sobre vários assuntos, inclusive sobre teatro. Fizeram-me muitas perguntas sobre o que era teatro, o que eu estudava na faculdade, o que nós iríamos trabalhar em aula, como os atores se preparavam para atuar, se era uma profissão difícil de ser realizada.

Nossa conversa aconteceu ao longo dos três períodos. Os alunos me contaram que a pesquisa a ser desenvolvida para o seminário estava sendo complicada, pois nem todos os grupos estavam compostos e que na verdade o andamento do estudo estava confuso. Por fim, acabei por mostrar o material que tinha levado sobre as temáticas dos grupos que se manifestaram na aula que observei. Eles coletaram algum material e conversamos sobre as várias possibilidades que Pelotas tinha como temática para pesquisa.

Apesar de estarem presentes apenas quatro alunos, a conversa que tivemos foi muito importante. Nela, senti que não somente eu tinha conhecido a realidade deles, mas também que eles quanto colegas se surpreenderam com diversas revelações que surgiram no diálogo que tivemos. Foram três períodos muito agradáveis e mal notamos o tempo passar.

Compreendo que para realizar a arte teatral seja necessário um grupo que se entenda como grupo, para que possamos construir conhecimentos da área. O que eu percebia eram grupos segregados, que não trocavam informações. Com isso entendi que minha primeira tarefa naquela turma era fazer com que eles se misturassem sem perceber que estavam fazendo isso. Assim o processo de conhecimento e reconhecimento entre eles seria realizado de forma orgânica e natural. Como vai dizer Spolin:

O teatro improvisacional requer relacionamento de grupo muito intenso, pois é a parte do acordo e da atuação em grupo que emerge o material para as cenas e peças. [...] A participação e o acordo de grupo eliminam todas as tensões e exaustões da competição e abrem caminho para a harmonia (2005, p. 9).

Na segunda aula compareceram vinte e um alunos. Nesse dia eu teria apenas os dois períodos pré-estabelecidos. Realizei com a turma a mesma atividade do novelo de lá com a pergunta “o que você gosta de fazer na escola e o que gosta de fazer fora dela?”. Nas respostas a essa pergunta 90% responderam que na escola não gostavam de fazer nada, além de algumas meninas que falaram que gostavam de ir ver os colegas. Os outros 10% responderam que gostavam de algumas matérias, como física e química. Quanto ao que gostavam de fazer fora da escola, as respostas variavam entre gostar de dormir, andar de skate, jogar vídeo game, jogar futebol e passear.

Durante as quatro primeiras aulas, assim como na última que relatei, desenvolvi atividades teatrais que promoviam a relação entre todos os alunos, propondo que eles se conhecessem e se relacionassem. Adorno comenta que “de uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendências de desagregação” (2003, p. 122).

Entendo que para trabalhar com emancipação de sujeitos dentro de uma sociedade onde o individualismo é visto como a única solução de se tornar alguém produtivo e eficiente, e neste caso, em uma instituição escolar que ao que me parece não procura promover a autonomia crítica de seus alunos, percebo de extrema importância as atividades que são trabalhadas a percepção do aluno de que o trabalho em grupo é mais agregador do que aquele que realizamos sozinhos devido às trocas de experiências realizadas.

Elaborei a compreensão de que vivemos em uma sociedade e que ela não pode ser ignorada, pois precisamos uns dos outros. Silveira comenta em sua dissertação: “a atividade teatral faz vir à superfície a reflexão sobre si e o outro, é o início de uma tomada de consciência necessária à construção de uma sociedade melhor” (2008, p. 194).

Em minha opinião, seria lamentável iniciar qualquer prática sem tornar-me consciente de que para trabalharmos juntos é preciso que exista um único grupo, não pequenos e segregados. Precisamos ser capazes de ouvir o que o outro tem a dizer. Logo, comprehendo que a união da turma é o passo inicial para qualquer processo de emancipação/autonomia de sujeitos. José Pacheco, um dos idealizadores da Escola da Ponte, comenta:

A autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas relação EU-TU [...] É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controle que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais. Conclusão: a autonomia convive com a solidariedade (2012, p.11).

A atividade teatral que elaborei para relacionar a temática da pesquisa que os alunos teriam que realizar, foi a de criar um mosaico com imagens e uma história contada sobre o lugar e a temática pesquisada. A história que constaria no mosaico poderia ser verdadeira ou fictícia e ela seria apresentada pelo grupo. Tinha a intenção que os alunos achassem melhor elaborar histórias fictícias para “enganar” o restante da turma e que tivessem de entrar em um consenso para avaliar se aquela história contada era verdadeira ou inventada.

Feito o mosaico, os grupos se preparam para apresentar a história. Era a primeira vez que eles estavam representando na aula de teatro. Com suas habilidades naturais, o resultado foi muito bom. Grande parte dos grupos conseguiu representar uma história verdadeira parecendo fictícia e o contrário também. Apenas um aluno que elaborou seu mosaico sozinho e chegou atrasado, parecia-me bem agitado e com características de querer estar sempre impressionando. Ao apresentar a história de seu mosaico tentou simular que era fictícia, mas a turma chegou ao consenso de que aquela história era verdadeira. Ao fim da apresentação o grupo marcava no mosaico se a história é verdadeira ou fictícia. Esse aluno, apesar de a história ser verdadeira, marcou como fictícia para confirmar sua encenação.

Ao perceber o que havia ocorrido, senti necessidade de intervir de um modo que esse aluno não se sentisse constrangido, mas ao mesmo tempo não poderia deixar aquela ação se tornar natural. Resolvi então ao final de todas as apresentações comentar que um dos grupos marcou errado a sua resposta do

mosaico, e que então a turma teria que descobrir qual grupo teria feito isso. A turma discutiu sobre e apontaram a encenação discordante. Depois disso, esse aluno foi até o mosaico e mudou sua resposta, dizendo que havia se enganado na hora de marcar.

Após esta atividade, realizamos um debate no qual acabou surgindo a fala do aluno que fez a marcação errada no mosaico. Ele disse: “*a professora quer ensinar a gente a mentir*”. Em seguida disse que estava brincando e que achou a atividade muito interessante, pois conseguiu perceber em seus colegas uma mudança de postura corporal na hora de apresentar, bem como a capacidade de ficar concentrado apesar de estar contando uma história fictícia.

Percebi com as observações dos alunos que a relação que se estabelece quando o colega se expõe e ele é observador, ou seja, quando há ator e espectador, que ele de certa forma se coloca no lugar do outro que está exposto e começa a refletir sobre como ele faria se estivesse atuando. Neste momento surge o pensamento crítico através de uma experiência estética. Notei nesta atividade a importância do professor de teatro como orientador sem realizar intervenções, deixando que os alunos cheguem às suas próprias conclusões sobre as cenas para depois fazer os devidos apontamentos.

O procedimento para o professor-diretor é basicamente simples: ele deve certificar-se de que todo aluno está participando livremente a todo momento. O desafio para o professor ou líder é ativar cada aluno no grupo respeitando a capacidade imediata de participação de cada um (SPOLIN 2005, p. 9).

Com essa atividade, aproximo-me de certa forma ao sistema de Boal, quando o método Teatro do Oprimido³ elabora cenas com atores e o “espect-ator”, em dado momento, assume o papel do ator para dar outra opção de ação àquele personagem. O teatro do oprimido busca trazer a realidade para a cena, fazendo com que esta seja questionada e transformada. Não realizei nenhuma das técnicas tal qual o método Teatro do Oprimido sugere a não ser os jogos e atividades

³ O TO é um método teatral que se manifesta através da Estética do Oprimido, sistema com a mesma base filosófica, social e política, que engloba todas as artes que integram o teatro. A originalidade deste método e deste sistema consiste, principalmente, em três transgressões: 1-Cai o muro entre palco e plateia; todos podem usar o poder da cena; 2- Cai o muro entre espetáculo teatral e a vida real aquele é uma etapa propedêutica desta; 3- Cai o muro entre artista e não-artista: somos todos gente, somos humanos, artistas de todas as artes, todos podemos pensar por meios sensíveis- arte e cultura. (2009, p.185).

existentes no livro “Jogos para atores e não atores” (BOAL, 1998) . Baseei-me na ideologia do método para compor aulas de teatro para a realidade em que estava inserida e para o número de aulas que estava estabelecido. Boal me ajuda a expressar minha vontade quando fala “A Estética do Oprimido é uma proposta que trata de ajudar os oprimidos a descobrir a Arte descobrindo a sua arte; nela, descobrindo-se a si mesmo; a descobrir o mundo, descobrir o seu mundo; nele, se descobrindo” (2009, p. 170).

Elaborar um sistema de aulas com número reduzido de encontros que se concretizam uma vez por semana é um desafio para o estagiário. Outro desafio é quando o professor titular da turma com a qual se realiza o estágio pede para o estagiário elaborar atividades que se relacionem com a prática que esta sendo realizada em determinada disciplina no seminário integrado. Essa foi a minha realidade na prática do estágio. Porém, após a quarta aula percebi que os alunos não estavam dando continuidade às pesquisas e mepareceu que a professora titular já não estava muito preocupada com o que seria passado à turma, pois não compareceu a nenhuma aula que ministrei.

Foi então que conversando com os alunos decidimos trabalhar outra temática que não a da pesquisa a ser realizada para o seminário integrado. Apresentei a proposta de trabalharmos com a criação e manipulação de bonecos feitos de papel machê. Eles gostaram da proposta e demos seguimento a uma atividade que tinha sido trabalhada na última aula, que foi a criação de um personagem.

A criação desse personagem se deu a partir da necessidade que senti de trabalhar com os alunos mais individualmente. A proposta foi cada aluno criar um personagem primeiramente escrito, descrevendo suas características físicas, subjetivas e em qual contexto dentro da sociedade ele estava inserido. Posteriormente, foi distribuída uma folha de papel, para criação de um objeto que seria o “objeto do personagem”.

Spolin vai dizer:

Desenvolver um personagem é a habilidade de abstrair um esboço a partir da confusão do todo complexo. Esta habilidade de mostrar a essência de alguma coisa em lugar do todo implica na consciência que o artista tem do menor detalhe. (2005, p. 231).

Minha proposta com esta atividade era fazer com que os alunos visualizassem e refletissem melhor sobre seus personagens por estarem expressos na escrita. A ideia de criar um objeto para este personagem seria para estreitar a relação, transformando o criador e personagem mais íntimos. Após a elaboração dos personagens estes seriam apresentados a toda turma, juntamente com a história elaborada sobre o objeto vinculado a ele.

Infelizmente esta atividade não foi realizada como acreditei que aconteceria. Os alunos tiveram muita dificuldade em criar um personagem, não sabiam o que escrever e pediam dicas sobre como poderia ser, questionando se podia ser um personagem que eles já conhecessem. Levaram mais de trinta minutos para conseguir escrever e percebi que alguns alunos pediam ajuda aos colegas. Nessa aula conseguimos fazer a apresentação da metade dos personagens e sem os objetos. Ficou acordado entre nós que na aula seguinte eles trariam os objetos prontos e que aqueles que ainda não tinham apresentado o personagem, apresentariam na próxima aula.

Neste momento percebi o quanto era restrita a flexibilidade de criação daqueles alunos. Pareceu-me que estavam engavetados no ensino tradicional, no qual aprendem somente o necessário para passar nas avaliações realizadas nas disciplinas curriculares. Compreendi com esta primeira experiência que seria difícil que os alunos realizassem uma avaliação mais profunda e espontânea dos personagens criados, o que era minha a intenção. De acordo com Silveira:

Quando analisamos se determinada personagem foi bem construída, pensamos nas diferentes formas que existem de demonstrá-la, em suas características objetivas e subjetivas, portanto refletimos sobre esse processo e aprendemos novos sentimentos, emoções, o que nos faz identificar e construir em nosso imaginário diferentes possibilidades de se ser (2008, p. 198).

Notei com as apresentações na aula seguinte que o personagem criado não tivera grande atenção no momento da sua criação e até certo descaso por parte de alguns alunos com as próprias criações. Os alunos neste momento já estavam organizados como um grande grupo, todas as minhas investidas em trabalhos e jogos de grupo geraram resultado. Os alunos que não mantinham relação alguma estavam a se relacionar de forma amistosa e colaborativa.

Pude perceber que os alunos estavam perdendo o ritmo das aulas e o interesse pela aula de teatro. Não consegui me imaginar perdendo a atenção daqueles alunos, que para mim eram tão valiosos, e comecei, então, a pensar no que poderia ser feito para trazer um prazer extra para que a turma não se sentisse cansada e desestimulada. Acredito que da mesma forma como matemática não é aprendida quando não há o interesse do aluno, no teatro não é diferente. O ensino tem que ser desafiador.

Em o “*O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender*”, Rubens Alves fala sobre brinquedos. No livro ele afirma que brinquedo para ser brinquedo tem que ser desafiador, se não logo vem o tédio. Falando sobre brincadeiras o, autor comenta: “brinquedo é tônico para a inteligência. Mas se ela tem de fazer coisas que não são desafios, ela fica preguiçosa e emburrécida.” (2004, p.39).

Queria continuar trabalhando com os personagens devido à percepção de que o trabalho teria que ser encaminhado dali em diante de forma mais individual. Com isto vasculhei em minhas memórias, atividades teatrais prazerosas que já realizei e acabei por lembrar uma atividade que sempre tive vontade de fazer, porém nunca pratiquei: Teatro de bonecos. Com esta atividade poderia continuar trabalhando com os personagens, ocasionando a prática de elaborar melhor aqueles que estavam somente no papel e possuíam um objeto e gerando prazer na construção/personificação de cada boneco construído.

Foi então que convidei meu colega de aula Juliano Bohn Gass, que já tinha feito oficinas de teatro de bonecos e possuía uma percepção corporal muito interessante para este tipo de trabalho. A partir desse momento começamos a construir com os alunos bonecos feitos de papel machê. Paralelamente com a construção Juliano ministrou duas oficinas de movimentos corporais e manipulação de bonecos.

Assisti reavivar uma chama de curiosidade nas ações dos alunos, todos em extrema harmonia construíram as cabeças de seus personagens. Percebia atitudes de cumplicidade, cooperação, generosidade e bastante brincadeira quando o assunto era incrementar a história de seus personagens. A manipulação dos

mesmos gerou muitas risadas, os alunos não estavam acostumados a realizar ações como aquelas, mas acredito que compreenderam como a movimentação se dava.

Compreendo a expressão corporal de extrema importância quando trabalhamos com a arte teatral, porém no ambiente em que estávamos não tínhamos muito espaço, nem condições de higiene no chão para realizarmos atividades expansivas. Eu e Juliano realizávamos as atividades corporais com modéstia devido às más condições. Uma pena quando compreendemos que aprendemos e sentimos também através do corpo e nele ficam registros dessa aprendizagem. Neste sentido percebo que a prática ficou com defasagem, não conseguimos explorar o enorme universo de expressões corporais.

Quando a cabeça do personagem já estava pronta partimos para a construção do modelo actancial⁴. Foi desta forma que conseguimos aprofundar melhor as características de cada personagem, trazendo uma identidade para aqueles que ainda não tinham. Percebi que o personagem reflete expressamente o contexto social e cultural que o aluno está inserido, não à toa todos os personagens são extremamente diferentes um dos outros. Nesta turma não percebi um padrão de gosto e cultura, a turma é extremamente diversificada.

Boal comenta:

O produto artístico -obra de arte- deve ser capaz de despertar ideias, emoções e pensamentos semelhantes aos que levaram o artista a sua criação. O processo estético desenvolve nossas capacidades perceptivas e criativas atrofiadas, aumenta o nosso poder de metaforizar a realidade. Somos todos artistas, mas poucos exercem suas capacidades. Há de fazê-lo! Não podemos ser apenas consumidores de obras alheias por que elas nos trazem seus pensamentos, não os nossos; suas formas de compreender o mundo, não a nossa. (2009, p. 118).

Realizamos um debate sobre nossos personagens e redefinimos algumas situações em que eles apareciam. Na conversa surgiu a ideia de realizarmos uma exposição dos personagens e assim se fez. Começamos a fazer uma votação de como seria o nome que colocaríamos na exposição. No inicio a turma de dividiu na

⁴ Modelo actancial é um sistema utilizado para analisar algo (sociedade, família) ou algum personagem contido em determinada trama. Este serve para compreender melhor o contexto que está inserido o sujeito a ser analisado. Analisamos neste qual o objeto de desejo, o que faz com que o sujeito não consiga realizar este desejo, quais as motivações dele e o que está favorecendo o sujeito a conquistar este desejo. Em um sistema visual, conseguimos analisar a trama de forma mais eficaz.

metade que queria o nome “Filhos do *chuck*”, e a outra que queria “Na caseira”, votação acontecendo, o fervor de discussões e por fim alguém teve a ideia brilhante de misturar os dois nomes passando a se chamar “Filhos do *chuck* na caseira”.

Minhas horas de estágio a serem cumpridas já tinham sido realizadas, então conversei com a professora titular para saber se seria possível realizar mais esta última atividade com a turma. A resposta foi positiva, pois afinal a professora nem estaria na cidade naquele dia de aula, o que foi uma pena pelo fato da professora não participar de mais esta atividade.

Dividimos as tarefas para a realização da exposição, foram feitos cartazes de divulgação e então na semana seguinte, estávamos organizando e mexendo com a estrutura da escola para compor nosso cenário da exposição. Três alunos filmaram todo o processo de montagem com uma câmera GoPro que levei para eles realizarem o registro desta atividade. Também foi filmada a exposição acontecendo, onde as outras turmas circularam no espaço da exposição, pois foram convidadas a prestigiar nosso trabalho.

A relação que se estabeleceu entre eu e os alunos foi a melhor possível, não tive problemas com nenhum aluno. O professor que me orientou neste trabalho de estágio coloca em sua avaliação “Em minhas anotações consta o seguinte: ‘suavidade, simpatia e sorriso da estagiária chamam a atenção durante a aula’. Parece-me que isto contribuiu muito para o envolvimento dos/as jovens nas atividades propostas por Gabrielle.”. Este comentário me deixa feliz, pois parece que fiz de minhas aulas uma grande brincadeira, e uma brincadeira seríssima. “É preciso que o professor saiba brincar e tenha uma cara de criança ao ensinar. Porque cara feia não combina com brinquedo [...]” (ALVES, 2004, p.41).

Nossas atividades encerraram-se com uma grande festa surpresa que os alunos organizaram para mim. Havia salgadinhos de vários tipos, refrigerante, copos, guardanapos e um lindo cartaz com meu nome e agradecimentos. Não me alimentei neste dia somente de deliciosos salgados, meu alimento maior foi o abraço que troquei com cada um de meus companheiros de experiência. Senti-me neste dia agraciada por ter passado dez manhãs de quarta-feira compartilhando experiências teatrais e procurando gerar com este envolvimento, processos de emancipação.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei nesse trabalho minhas proposições sobre os aspectos que mais considerei significativos ao longo do período em que fui aluna do curso de Teatro – Licenciatura. Minhas dúvidas e anseios não mudaram de tamanho, mas ao passo que fui obtendo esclarecimento através de minha busca entre ação e teoria estas foram mudando de direção. Hoje comproendo melhor o caminho a ser percorrido, meus passos já possuem um feixe de luz que proporciona mais clareza no momento de procura.

Minha busca por processos de emancipação através da arte teatral não se fundamenta somente nos estudos dos teóricos que trago para dialogar nessa pesquisa. Minha maior referência para entender esse processo é a minha própria história a partir do momento em que sou uma fiel observadora das ações que realizei e das experiências vitais que circundam meu impulso.

Trabalhar com a arte teatral se tornou natural para mim, tanto que muitas vezes me questiono se estou fazendo teatro ou se estou propondo exercícios de vida. Mas teatro é vida, e a vida está contida no teatro. O que propus nesse trabalho foi uma maneira de analisar como essa arte se relaciona com adolescentes de dezessete à vinte anos de idade dentro de uma escola de ensino médio que possui um método tradicional em termos curriculares. Em um ambiente no qual a maioria dos alunos, se não todos, foram criados dentro desse padrão de ensino durante todo o percurso escolar.

Dentro da proposta estava contida a questão: é possível desenvolver processos de emancipação através da arte teatral dentro da escola? A partir de minhas reflexões sobre a prática realizada comproendo que sim, é possível desenvolver processos de emancipação nos alunos. Não posso afirmar que consegui neste pequeno período de tempo desenvolver o processo de forma efetiva,

mas pude avaliar que houve o inicio de uma sensibilização dos alunos no quesito trabalho em grupo, experiência estética e pensamento crítico e estes elementos são a base para o caminho até a autonomia.

Foi o envolvimento com a arte teatral que trouxe amadurecimento ao meu pensamento crítico e a possibilidade de conhecer a mim mesma e compreender os outros. Procurei trazer isso para minha prática, pois quando penso nos alunos conseguindo trabalhar em grupo, penso neles trabalhando também individualmente e refletindo sobre o macro a partir do micro e vice versa.

Esse estudo para além de responder aos objetivos iniciais me proporcionou uma experiência impar que vou guardar para sempre em minha memória. Vemos a educação como um processo lento, e ela realmente o é, porém a arte teatral potencializa qualquer processo de aprendizagem, pois tem a capacidade de envolver todos os nossos sentidos provocando uma experiência estética vital.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 122-182.

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004, p.12-41.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **A estética do Oprimido**. Rio de Janeiro Garamond, 2009, p.27-185.

BOGDAN R.C.; BIKLEN S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora,1994, p. 48-49.

BRASIL. Secretaria da educação. Disponível em:
http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1. Acesso em: 24 mai. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48°ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p.92-105.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.10.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre, L&M, 1994, p.310.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. 1º Ed.São Paulo: Edições SM, 2012, p. 11-15.

SILVEIRA, Fabiane Tejada da. **O jogo teatral na escola: uma reflexão sobre a construção de sujeitos históricos**. Pelotas: Universitária UFPEL, 2008, p.194-198.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 4º Ed. Traduzido por Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva. 2005, p. 3-231.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1992, p. 16.

APÊNDICE

1. Apresentação do Projeto piloto:

Ao longo de minhas experiências acadêmicas e pessoais, percebi que a arte na educação é uma poderosa ferramenta de transformar o aprendizado em algo muito mais interessante e concreto. Tanto para os que proporcionam o contato quanto para aqueles que estão tendo pela primeira vez uma experiência artística, o aprendizado ultrapassa os conteúdos programados. As experiências artísticas teatrais podem promover o autoconhecimento, agindo na construção da identidade e potencialização das habilidades do indivíduo. Afinal, a arte faz parte do ser humano, é uma das formas que tem de se desenvolver, criar e recriar realidades.

Sendo assim, pretendo trabalhar na escola Monsenhor Queiroz através da temática do seminário integrado: Conhecendo Pelotas, uma forma onde possa unir o aprendizado sobre a cidade de Pelotas, com o fazer artístico teatral. Esta forma se dará com atividades teatrais que buscam explorar o conhecimento que os alunos já possuem sobre a sua cidade, gerando assim um arsenal de informações construído pelos próprios estudantes. Logo, com essas informações iremos buscar outras que não são de nosso conhecimento para enriquecer o nosso saber. Através de documentários sobre Pelotas, atividades teatrais dinâmicas, e exploração das habilidades de cada aluno, acredito que poderemos realizar um belo trabalho artístico sobre a temática “Conhecendo Pelotas”.

No teatro, a comunicação verbal e/ou corporal e o trabalho em grupo, são características fortes. Através da representação ou da criação de personagens é possível viver outras identidades. Assim, podemos experimentar o cotidiano de outras pessoas, nos colocando no lugar do outro, aprendendo a aceitar as diferenças, ao invés de eliminá-las.

Diante disso, sua importância está fortemente ligada à formação de indivíduos atuantes no contexto social. Principalmente, na atualidade, onde há a forte presença dos meios de comunicação e tecnológicos. Assim, pela arte de representar, podemos refletir sobre quem somos e sobre o papel que representamos na nossa sociedade.

Com isso, observo que a educação artística é um meio que pode auxiliar o cidadão a adquirir cultura.

Desejo que este seja um caminho para que os alunos possam usufruir de suas capacidades, atuando no meio em que vivem de forma reflexiva. Afinal, os adolescentes são a esperança que temos para uma sociedade mais culta e justa

2. Objetivo Geral

Explorar o tema do Seminário Integrado “Conhecendo Pelotas” de uma forma dinâmica e divertida através de exercícios da arte teatral.

3. Objetivos Específicos

- Trabalhar em grupo, de forma crítica e observadora criando um ambiente de diálogo aberto.
- Explorar habilidades e capacidade de criação.

- Aprender de forma espontânea e curiosa.
- Conhecer a arte teatral.

4. Conteúdos

- Jogos que focam no trabalho em grupo
- Jogos dinâmicos de pesquisa
- Jogos de concentração
- Jogos de representação

5. Relação Interdisciplinar

As disciplinas a se cruzar são Seminário Integrado e Teatro. O tema gerador é “Conhecendo Pelotas”, assim comproendo que o teatro poderá auxiliar nas pesquisas a serem feitas, de uma forma que o aprendizado fique muito mais atraente para o aluno devido as atividades da arte teatral.

6. Metodologia de Trabalho

Utilizarei os jogos teatrais como principal instrumento para elaboração de pesquisa e realização dos enfoques: trabalho em grupo, desenvolvimento de atenção e concentração, gerar curiosidade e produzir um produto final sobre o assunto “Conhecendo Pelotas”.

Critérios que tentarei abordar:

- O teatro como expressão e comunicação;
- O teatro como produção coletiva;
- O teatro como produto cultural e apreciação estética.

Através deste referencial, Minha ideia é que os conteúdos se interliguem de alguma forma, através de produções dos alunos que sejam evidenciadas no final do processo. Serão utilizados:

- Jogos Teatrais;
- Contar histórias;
- Fotografias de algumas atividades das aulas, para ter registros.

7. Recursos

- Uma sala ampla ou Pátio;

- Roupa confortável;
- Novelo de lã, Bolinha, lápis, folha, revistas, pesquisa na internet, projetor ou tv com entrada pra pen drive.

8. Avaliação

A cada aula observarei o andamento das atividades, buscando notar as diferenças dos alunos, entendendo que cada um tem o seu tempo de aprendizagem. Ainda, farei conversas no fim das aulas para ouvir a opinião dos alunos sobre as atividades feitas, se tiveram alguma dificuldade ou facilidade. Assim podendo orientá-los com as dificuldades.

- Avaliação individual: Acompanhar o desempenho de cada aluno no que se refere ao alcance dos objetivos nas atividades propostas em aula ou na evolução de suas habilidades.

- Avaliação da turma: Analisar se em geral a turma conseguiu acompanhar as atividades das aulas e atingir os objetivos propostos. Se houve interesse e empenho para a realização. Perceber se estão evoluindo em algum sentido do que se pretende com os conteúdos.

-Avaliação da estagiária: Avaliar se o processo funcionou, se a maioria dos objetivos foram alcançados, se a turma conseguiu obter o conhecimento esperado.

9. Cronograma

07/05- Primeira aula- Teatro

Objetivo geral: Conhecendo o grande grupo.

14/05- Segunda aula- Teatro

Objetivo geral: Proporcionar o trabalho em grupo.

21/05 Terceira aula- Teatro

Objetivo geral: Vinculando com a disciplina de Seminário Integrado

28/05 Quarta aula - Teatro

Objetivo geral: Pesquisa e jogos

04/06 Quinta aula - Teatro

Objetivo geral: jogos de aprendizado sobre a pesquisa da aula anterior

11/06 Sexta aula - Teatro

Objetivo geral: Trabalho em grupo.

18/06 Sétima aula - Teatro

Objetivo geral: Trabalhar com a produção do material sobre o tema “Conhecendo Pelotas”

25/06 Oitava aula- Teatro

Objetivo geral: Apresentação do trabalho produzido

Planos de aula

1º Aula- 07/05/2014

Carga Horária: 150min. = Três período

Objetivo Geral da Aula:

Apresentação da temática escolhida no seminário integrado.

Objetivos Específicos: Interação, fazer escolhas a partir do gosto pessoal, aproximação dos grupos, primeiro contato com a representação.

Conteúdos: Jogo de apresentação, atividades que focam no trabalho em grupo. Atividades que possibilitam aproximação e espontaneidade.

Desenvolvimento:

Atividade 1

Nome da atividade: Arrumando a sala.

Organização da turma: todos ajudam.

Descrição da atividade: Arrumar as classes na parede e fazer um círculo de cadeiras.

Atividade 2

Nome da atividade: Jogo de apresentação.

Organização da turma: Em círculo, sentados.

Descrição da atividade: Com um novelo de lã nas mãos o aluno fará uma apresentação, dizendo seu nome, idade, o que gosta de fazer fora da escola e o que mais gosta na escola. Se já teve alguma experiência de teatro (fazendo ou vendo). Depois de se apresentar, o aluno passa o fio de lã para outro colega se apresentar. Assim, uma teia vai se formando, trançando todos os fios. Depois esse fio tem que voltar fazendo todo percurso inverso e o aluno diz o nome de quem lhe passou o fio e manda de volta para a pessoa até chegar à estagiária.

Objetivos específicos da atividade: Compartilhamento de experiência, contato diferenciado com o colega, reflexão pessoal.

Atividade 3

Nome da atividade: Jogo da bolinha.

Organização da turma: Em círculo, de pé.

Descrição da atividade: O aluno irá dizer o seu nome e o do colega para quem vai jogar a bolinha. Quando jogar a bolinha para o colega, o aluno ocupará o lugar dele

e assim por diante. O jogo é interrompido quando alguém deixa cair a bolinha ou esquece o nome do colega.

Objetivos específicos da atividade: Aquecimento, concentração, atenção, habilidade motora.

Atividade 4

Nome da atividade: Jogo da teia.

Organização da turma: Em círculo, de pé, de mãos dadas.

Descrição da atividade: Todos devem dar as mãos, gravando bem quem está à sua direita e quem está à sua esquerda. Na sequência, devem soltar as mãos e caminhar pela sala, até que em um momento recebam a ordem de parar. No lugar em que ficarem deverão encontrar e dar novamente as mãos para seus pares, formando uma teia de braços e mãos dadas. Após a formação da teia, com todos de mãos dadas, deverão fazer o possível para retomar o círculo sem soltar as mãos, procurando formas de desfazer os ‘nós’.

Objetivos específicos da atividade: Desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, de colaboração entre os alunos e de resolução do problema apresentado.

Atividade 5

Nome da atividade: Representando verdadeiro ou falso.

Organização da turma: em grupos.

Descrição da atividade: Os grupos irão montar um mosaico no papel pardo com uma história sobre sua pesquisa (ou de Pelotas). Essa história vai ser verdadeira ou falsa dependendo do papel que o grupo retirar no sorteio. Após estarem com a história pronta irão apresentá-la, podendo enganar a turma. Exemplo: se for verdadeira, pode contar como se fosse mentira e o contrário também ocorre. No final há uma votação para quem acha que a história é verdadeira e quem acha que é falsa, ai então o grupo assinala no mosaico a opção correta.

Objetivos específicos da atividade: relacionar-me de forma visual com a minha pesquisa, criação coletiva, desenvolver capacidade de atuação, desenvolver observação crítica.

Atividade 7

Nome da atividade: Conversa sobre o exercício realizado em aula.

Organização da turma: sentados.

Descrição da atividade: Conversar sobre o que os alunos entenderam do exercício, se eles notaram as diferenças nas atuações dos colegas, quais foram os aspectos que mais chamaram atenção, o que eles tem a colocar sobre o exercício, e se gostariam de modificar alguma coisa no exercício.

Objetivos específicos da atividade: Refletir sobre como o colega se comportou no exercício, perceber como me coloquei na realização da atividade, perceber se eu consegui expressar aquilo que queria.

Observações após a aula: Nesta aula não foi possível à realização de várias atividades tendo em vista que estas necessitam da presença do grupo de alunos e a quantidade de alunos que se fizeram presentes foi somente quatro. Com isso, realizei as atividades 1,2 e 6 do plano de aula. As atividades puderam ocorrer bem lentamente, deixando bastante espaço para a apresentação destes alunos e também a tirada de dúvidas do que o teatro se tratava. Os alunos foram bem curiosos e fizeram bastantes perguntas, até mesmo sugeriram que trabalhássemos com atividades de teatro que fizessem com que eles ficasse mais desinibidos.

2º Aula- 14/05/2014

Carga Horária: 100min. = Dois períodos

Objetivo Geral da Aula:

Interação dos grupos

Objetivos Específicos:

Aproximação dos grupos, primeiro contato com a representação, refletir sobre a aula de teatro, sair da pesquisa (da disciplina de seminário integrado: Conhecendo Pelotas) como forma escrita e passar a enxerga-la visualmente e sonoramente.

Conteúdos:

Jogo de apresentação, atividades que focam no trabalho em grupo, atividade de representação e contação de história. Atividades que possibilitam aproximação e espontaneidade.

Atividade 2

Nome da atividade: Jogo de apresentação.

Organização da turma: Em círculo, sentados.

Descrição da atividade: Com um novelo de lã nas mãos o aluno fará uma apresentação, dizendo seu nome, idade, o que gosta de fazer fora da escola e o que mais gosta na escola. Se já teve alguma experiência de teatro (fazendo ou vendo). Depois de se apresentar, o aluno passa o fio de lã para outro colega se apresentar. Assim, uma teia vai se formando, trançando todos os fios. Depois esse fio tem que voltar fazendo todo percurso inverso e o aluno diz o nome de quem lhe passou o fio e manda de volta para a pessoa até chegar à estagiária.

Objetivos específicos da atividade: Compartilhamento de experiência, contato diferenciado com o colega, reflexão pessoal.

Atividade 3

Nome da atividade: Jogo da bolinha com números.

Organização da turma: Em círculo, de pé.

Descrição da atividade: Cada aluno terá um número, o numero 1 jogará a bolinha para outro número aleatório, Por exemplo: número 18, e este jogará para outro aluno de número 10 e assim por diante.

Segunda etapa: Ex: eu sou o número 1, logo, jogo para o número 2. O número 2 tem que dizer o número dele e o próximo número e jogar para outro colega que será o número 3, o 3 diz seu número e o próximo (4) e joga para outro colega, e assim sucessivamente.

Objetivos específicos da atividade: Aquecimento, concentração, atenção, habilidade motora, raciocínio rápido.

Atividade 4

Nome da atividade: Representando verdadeiro ou falso.

Organização da turma: em grupos.

Descrição da atividade: Os grupos irão montar um mosaico no papel pardo com uma história sobre sua pesquisa (ou de Pelotas). Essa história vai ser verdadeira ou falsa dependendo do papel que o grupo retirar no sorteio. Após estarem com a história pronta irão apresentá-la, podendo enganar a turma. Exemplo: se for verdadeira, pode contar como se fosse mentira e o contrário também ocorre. No final há uma votação para quem acha que a história é verdadeira e quem acha que é falsa, ai então o grupo assinala no mosaico a opção correta.

Objetivos específicos da atividade: relacionar-me de forma visual com a minha pesquisa, criação coletiva, desenvolver capacidade de atuação, desenvolver observação crítica.

Atividade 5

Nome da atividade: Conversa sobre o exercício realizado em aula.

Organização da turma: sentados.

Descrição da atividade: Conversar sobre o que os alunos entenderam do exercício, se eles notaram as diferenças nas atuações dos colegas, quais foram os aspectos que mais chamaram atenção, o que eles tem a colocar sobre o exercício, e se gostariam de modificar alguma coisa no exercício.

Objetivos específicos da atividade: Refletir sobre como o colega se comportou no exercício, perceber como me coloquei na realização da atividade, perceber se eu consegui expressar aquilo que queria.

Referências:

Diário de Bordo Teatro na Educação I, Professora Fabiane Tejada; Experiências em teatro; Experiências em oficinas de teatro.

Observações após a aula: Esta aula foi bem tranquila, consegui realizar todas as atividades com qualidade, não houve correria para finalizar as tarefas. Os alunos de forma geral foram bem receptivos, havia horas de bastante conversa, mas uma chamada de atenção resolia. Todos participaram das atividades. Existe um aluno que é bem quieto, o Pedro Henrique, ele fala somente quando é necessário e até participa do grupo, mas não interage muito, no máximo um sorriso para alguma piada que surge. Na atividade 4, houve um “probleminha” o aluno contou a história do grupo, e a maioria da turma votou que a história era falsa, para “sacanear” os colegas ele assinalou no mosaico que a história era verdadeira, e a atividade se encerrou, porem eu tomei a atitude de dividir isso com a turma, e falei que existiam 2 falsas e 3 verdadeiras, porem nós só verificamos 1 falsa, que então teria outra história falsa, e perguntei a turma qual grupo eles achavam que tinha marcado de forma “errada” para “pregar uma peça” na turma. Ai então a turma respondeu que era o ultimo grupo, (o que realmente tinha assinalado errado) e o aluno que assinalou errado se manifestou dizendo que tinha se “enganado”, que a alternativa certa era que a história era falsa. Na conversa de avaliação do exercício, este mesmo aluno se manifestou dizendo em tom de brincadeira que eu estava querendo ensinar eles a mentir, mas logo já disse que estava brincando e que entendia que era uma forma de representação. Os comentários foram bem pertinentes, e eles conseguiram analisar o que fazia com que eles não acreditassesem na história do colega, e também alisar o que podiam melhorar, senti que eles iriam refletir melhor sobre o que é a representação.

3º Aula- 21/05/2014

Carga Horária: 100min. = Dois períodos

Objetivo Geral da Aula:

Exercitar a criatividade.

Objetivos Específicos:

Aproximação dos grupos, desenvolver a criatividade, exercitar a improvisação.

Conteúdos:

Atividades que focam no trabalho em grupo, contação de história com intervenções, exercício de agilidade. Atividades que possibilitam aproximação e espontaneidade.

Atividade 2

Nome da atividade: Jogo da bolinha.

Organização da turma: Em círculo, de pé.

Descrição da atividade: O aluno irá dizer o seu nome e o do colega para quem vai jogar a bolinha. Quando jogar a bolinha para o colega, o aluno ocupará o lugar dele

e assim por diante. O jogo é interrompido quando alguém deixa cair a bolinha ou esquece o nome do colega.

Objetivos específicos da atividade: Aquecimento, concentração, atenção, habilidade motora.

Atividade 3

Nome da atividade: Jogo da teia.

Organização da turma: Em círculo, de pé, de mãos dadas.

Descrição da atividade: Todos devem dar as mãos, gravando bem quem está à sua direita e quem está à sua esquerda. Na sequência, devem soltar as mãos e caminhar pela sala, até que em um momento recebam a ordem de parar. No lugar em que ficarem deverão encontrar e dar novamente as mãos para seus pares, formando uma teia de braços e mãos dadas. Após a formação da teia, com todos de mãos dadas, deverão fazer o possível para retomar o círculo sem soltar as mãos, procurando formas de desfazer os ‘nós’.

Objetivos específicos da atividade: Desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, de colaboração entre os alunos e de resolução do problema apresentado.

Atividade 4

Nome da atividade: Contando história com intervenção.

Organização da turma: em grupos.

Descrição da atividade: Os grupos irão criar uma história simples. (Ex: Maria foi comprar sorvete na padaria a acabou, encontrando um gatinho no caminho e levou ele para a sua casa) Um dos alunos irá começar a contar essa história, no meio dela ele vai sortear um papel que terá escrito uma palavra Ex: leão, e terá que acrescentar esse leão na história, logo após ele passa a palavra ao colega que continua contando a história que em seguida tira outro papel com outra palavra e acrescenta esta palavra à história e assim por diante até terminar. OBS: esta história tem que ter inicio, meio e fim.

Objetivos específicos da atividade: aprimorar a criatividade, exercitar o pensamento rápido.

Atividade 5

Nome da atividade: Conversa sobre o exercício realizado em aula.

Organização da turma: sentados.

Descrição da atividade: Conversar sobre o que os alunos entenderam do exercício, se gostaram de realizar, quais foram os aspectos que mais chamaram atenção, se acharam difícil, e se gostariam de modificar alguma coisa no exercício.

Objetivos específicos da atividade: Analisar criticamente o comportamento na realização da atividade.

Observações após a aula: Chegaram três alunos que eu não conhecia, a turma estava muito falante mas todos os exercício foram realizados em empenho.

4º Aula- 28/05/2014

Carga Horária: 150min. = Três períodos

Objetivo Geral da Aula:

Aproximação

Objetivos Específicos:

Aproximação dos grupos, exercitar a criatividade.

Conteúdos:

Exercício de agilidade. Atividades que possibilitam aproximação e espontaneidade.

Atividade 2

Nome da atividade: Jogo do bastão.

Organização da turma: Em círculo, de pé.

Descrição da atividade: Um aluno fica no centro da roda com o bastão e em seguida fala o nome de um colega e atira o bastão para este. Este colega recebe o bastão fala o nome do colega do centro e atira de volta o bastão. E isso se repete até o aluno do meio ter jogado para todos os colegas da roda. Após troca o aluno do centro por outros.

Objetivos específicos da atividade: Aquecimento, concentração, atenção, habilidade motora e memorização.

Atividade 3

Nome da atividade: Aquecimento vocal e corporal.

Organização da turma: Em círculo, de pé.

Descrição da atividade: Vamos aquecer o pé, girando ele para um lado depois o outro. As articulações na mão girando para um lado depois o outro. Os ombros movimentar em círculo para trás e para frente. A cabeça, girar para um lado depois o outro. Depois “varrer” o céu da boca e pronunciar o M com a boca fechada.

Objetivos específicos da atividade: Aquecer.

Atividade 4

Nome da atividade: Construindo personagem.

Organização da turma: individual.

Descrição da atividade: Será criado individualmente um personagem que contenha características físicas e elaborado um contexto para ele dentro da sociedade e a partir disso com a distribuição de uma folha de papel para cada aluno será construído um objeto para este personagem.

Objetivos específicos da atividade: aprimorar a criatividade.

Avaliação:

Observarei se os alunos conseguiram atingir o objetivo dos exercícios, e o que acrescentaram. E quais foram as dificuldades dos grupos e da turma inteira.

Referências: Experiências pessoais, Grupo Oi Nois Aqui Traveis.

Observações após a aula: Jogo do bastão: foi bom para a relação que se cria entre os alunos, olho no olho, confiança e aprimorar a relação entre eles através da pronuncia do nome.

Aquecimento: houve um pouco de relutância para a realização, um pouco de vergonha.

Construindo um personagem: tiveram dificuldade na criação, se mantinham muito na realidade, não conseguiam abstrair. Foi uma atividade sem muito sucesso, por orientação do professor Mateus percebi que poderia ter feito de outra forma, poderiam ter construído este personagem com o corpo mesmo.

5º Aula- 04/06/2014

Carga Horária: 100min. = Dois períodos

Atividades:

Arrumar as cadeiras

Aquecimento da voz com Zi, Ci, Chi, Gui, Qui

Alongamento

Apresentação do personagem da aula anterior

Conversa sobre o que eles mudariam.

Observações após a aula: Esta aula não foi das melhores, minhas atividades propostas foram falhas, conseguimos conversar bastante, mas deixou a desejar a parte do fazer teatral. Na apresentação dos personagens surgiram propostas muito interessantes me surpreenderam.

6º Aula- 11/06/2014

Carga Horária: 150min. = Três períodos

Atividades:

Aquecendo: Caminhar pela sala e quando eu disser o numero um todos pulam, quando disser o numero dois todos se agacham, o número três todos seguram o pé.

Bom dia: Caminha pela sala a e dar Bom dia para o colega e dizer seu nome, assim aperta-se sua mão e sem largar a mão tem que dar bom dia para outro colega e dar a mão que está livre.

Roda de movimento de sons: Cada aluno propõe um som e um movimento e na ordem do círculo o primeiro faz e os outros repetem, logo após o segundo faz e todos repetem e assim por diante até que todos repetem todos os movimentos propostos.

Duelo de sons: A turma separada em dois grupos, cada grupo tem um maestro que propõe um som e movimento, os grupos se apresentam um para o outro logo após troca-se o maestro e outro som e movimento é proposto.

Observações após a aula: Eles gostam bastante de realizar as atividades, porém na hora de ser maestro principalmente as meninas ficaram muito envergonhadas e não conseguiam levar a sério a proposta.

7º Aula- 18/06/2014

Carga Horária: 100min. = Dois períodos

Atividades:

Oficina Juliano Bonh Gass

Aquecimento e Alongamento: Todos de pé formando um círculo, vão se aquecer fazendo pulos e movimentos livres com o corpo, e, sob a condução do professor, um alongamento partindo da cabeça, seguindo os braços, tronco, quadris e pernas, envolvendo todas as extremidades do corpo.

Construindo um Boneco: Tendo como base a atividade proposta na aula anterior, onde cada um teve que pensar e criar um personagem, cada um terá que criar uma cabeça de boneco de papel machê, de acordo com o personagem que criou.

Observações após a aula: Houve muito envolvimento dos alunos na atividade todos participaram e se divertiram.

8º Aula- 25/06/2014

Carga Horária: 150min. = Três períodos

Atividades:

Oficina Juliano Bonh Gass

Pintura do boneco

Caminhada pelo espaço: Todos os alunos, caminhando pela sala, de formas retas e circulares, observando os detalhes da sala, os colegas, com um olhar bem aberto, periférico. Nas caminhadas retas, olhar um ponto fixo e caminhar até ele. Parados terão que fixar o olhar em um ponto e então mexer a cabeça, mantendo esse olhar no mesmo ponto. Agora o olho não pode virar, quando alguém quiser olhar para o lado.

Manipulando um boneco em grupo: Divididos em grupos com no máximo 3 integrantes cada, os alunos deverão manipular e executar uma partitura de ações com um boneco feito de jornal, observando sua gesticulação e movimentação no espaço e tentando aproximar seus movimentos semelhantes aos de uma pessoa.

Observações após a aula: Todos participaram ativamente das propostas, e gostam muito de manipular os bonecos apesar de ter dificuldade no movimento realizado.

9º Aula- 02/07/2014

Carga Horária: 150min. = Três períodos

Atividades:

Elaboração do modelo actancial: Cada dupla fez do seu personagem. Eu ajudei no quadro.

Proposta da exposição: decidimos o nome da exposição e como seria realizada.

Observações após a aula: O modelo actancial foi de extrema importância para eles compreenderem melhor seu personagem. Fizeram com prazer e engajamento.

Dia 09/07/2014

Exposição dos bonecos aberto a toda comunidade escolar.



Exposição “Filhos do chuck na caseira” turma 2ºano B



Exposição “Filhos do chuck na caseira” turma 2ºano B



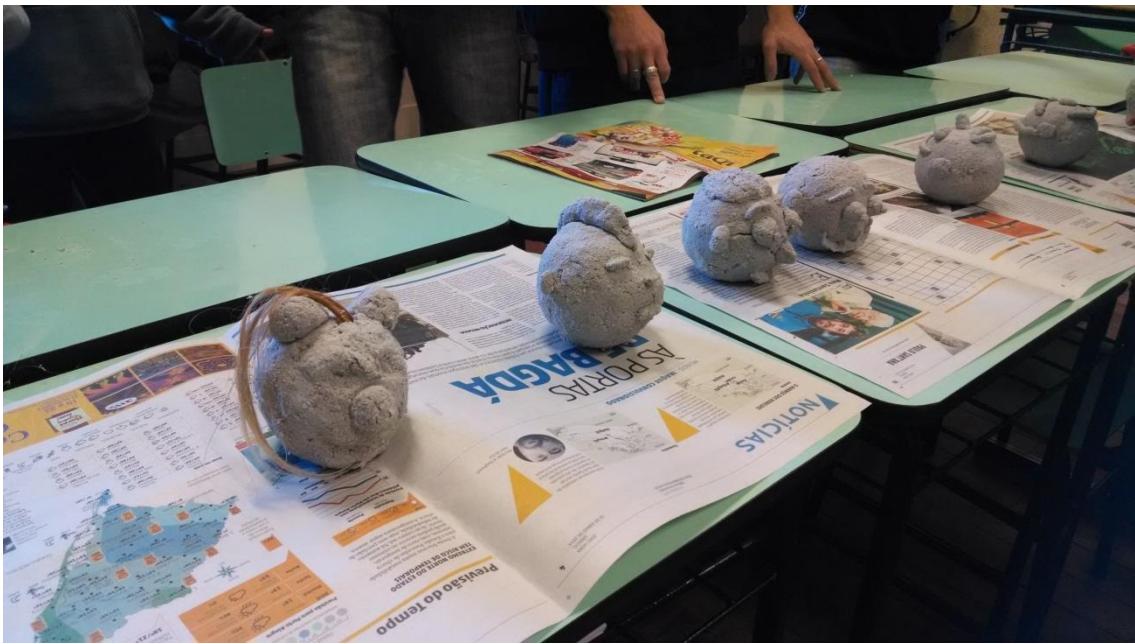
Exposição “Filhos do chuck na caseira” turma 2ºano B



Processo de montagem do boneco para compor personagem



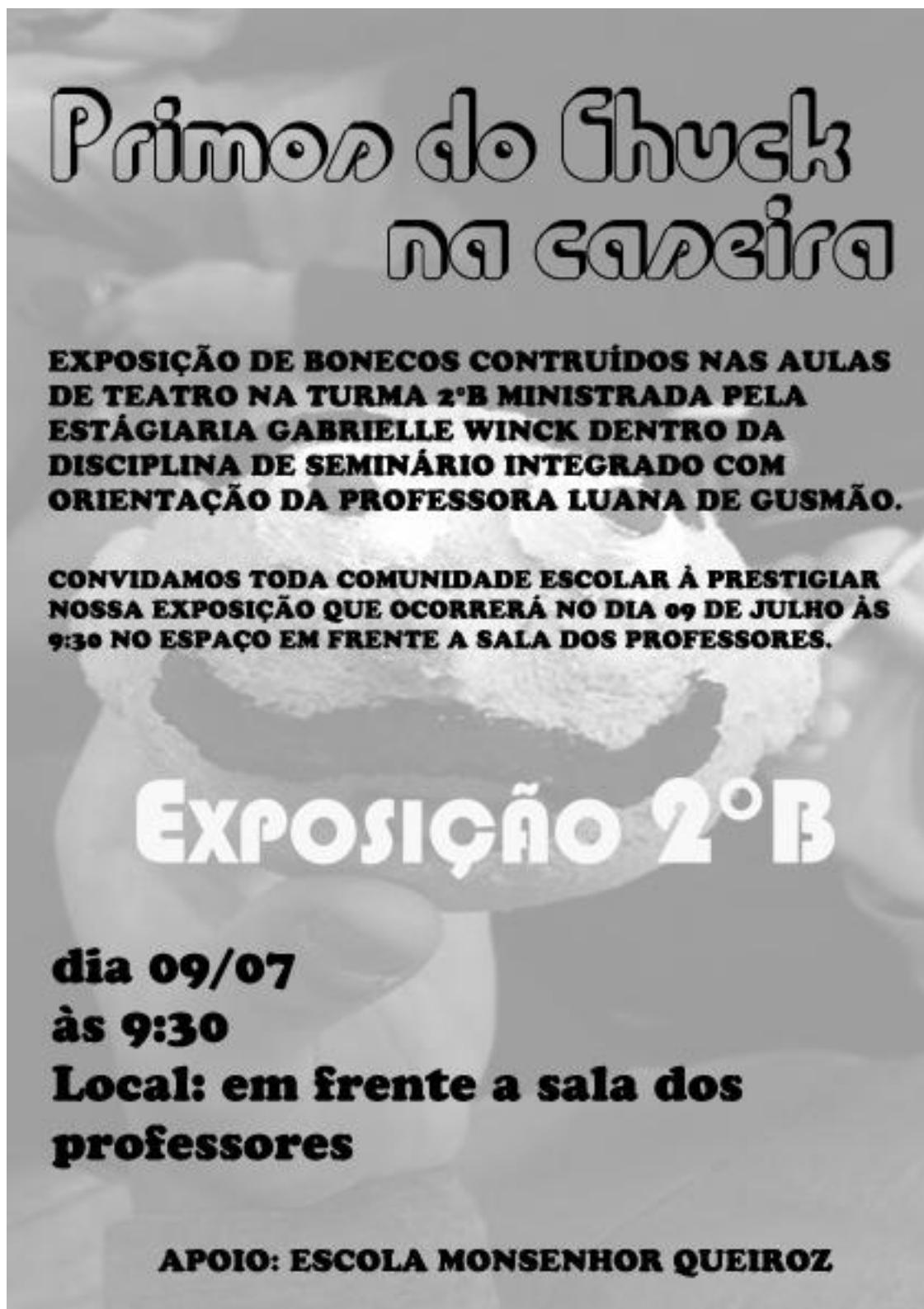
Bonecos em fase de finalização



Apresentação do personagem através do boneco



Montagem dos bonecos



Cartaz de divulgação da exposição



Atividade “criando seu personagem”



Atividade “Nós”



Festa surpresa para mim realizada pelos alunos

ANEXOS

A – Avaliação desempenho

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CURSO: TEATRO – LICENCIATURA
DISCIPLINA: ESTÁGIO II**

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DA ESTAGIÁRIA

Escola: Colégio Estadual de Ensino Médio Monsenhor Queiroz

Estagiário(a): Gabrielle Winck Moraes

Turma: 2º ano B Número de alunos: 24 Média de Idade: 17 anos

Professor(a) orientador(a): Mateus Gonçalves

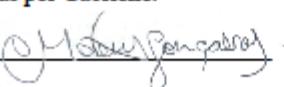
Elementos de avaliação:	5	4	3	2	1
1) Em relação ao conhecimento específico, o(a) estagiário(a):					
1.1 Seleciona e desenvolve adequadamente o conteúdo de teatro para o Ensino Médio:	X				
1.2 Há uma relação (um encadeamento) nas atividades desenvolvidas:	X				
1.3 Contextualiza tornando significativo o conteúdo:	X				
1.4 Demonstra domínio do conteúdo com segurança:	X				
2) Quanto ao desenvolvimento da aula, o(a) estagiário(a):					
2.1 Promove o incentivo durante o desenvolvimento da aula:	X				
2.2 Consegue conduzir com facilidade as atividades:	X				
2.3 Os recursos utilizados são adequados à proposta de trabalho:		X			
2.4 Conclui a aula fazendo um fechamento:	X				
2.5 Oportuniza momentos de avaliação no decorrer ou ao final da aula:		X			
3) Quanto ao plano de aula:					
3.1 O plano contém todos os elementos essenciais: objetivos, conteúdos, desenvolvimento, recursos, avaliação, e está elaborado de forma adequada:	X				
SUBTOTAL	40	08			
TOTAL			48		

5 – Excelente 4 – Muito Bom 3 – Bom 2 – Regular 1 – Insuficiente

OBSERVAÇÕES:

A estudante apresentou grande interesse e envolvimento ao longo de todo estágio, solicitando auxílio quando necessário, mostrando-se disponível e atenta às orientações do professor. Em aula demonstra segurança e afetividade durante o desenvolvimento dos trabalhos dos/as alunos/as, sempre atenta às dúvidas e colocações dos/as mesmos/as. Em minhas anotações consta o seguinte: “suavidade, simpatia e sorriso da estagiária chamam a atenção durante a aula”. Parece-me que isto contribuiu muito para o envolvimento dos/as jovens nas atividades propostas por Gabrielle.

Data: 05/07/2014

Assinatura:  -